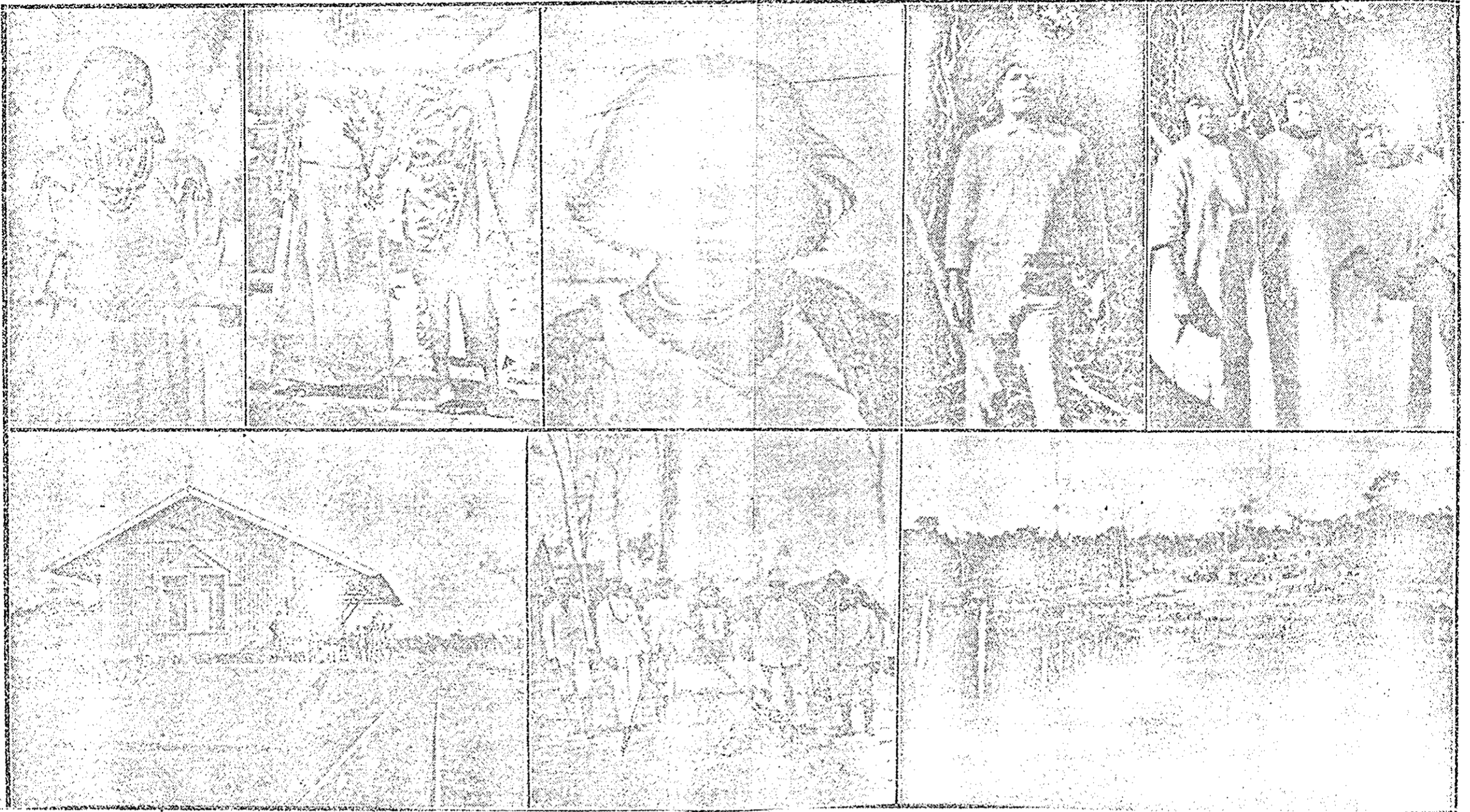


NO SERTÃO DO EXTREMO OESTE DO ESTADO

A pacificação dos índios Coroados

Kaingang ou Coroados — Dominavam vasta região do Estado — Lutas entre índios e sertanejos — As "dadas" ou "batidas" dos "mateiros" ou "bugreiros" — A construção da Estrada de Ferro Noroeste — A criação do Serviço de Proteção aos Índios — Impossibilidade de continuar a construção da ferrovia — O general Rondon dirige-se à Noroeste — O S. P. I. pacifica os Kaingang em 1912 — Estado atual desses índios

MANOEL RODRIGUES FERREIRA



A partir do alto da esquerda para a direita: a índia Vanure, interprete que desempenhou importante papel nos primeiros contactos com os Coroados; logo após terem se apresentado no Acampamento do Ribeirão dos Patos, o cacique Vauvin e sua esposa recebem roupas; a esposa do cacique Vauvin; um tipo de Coroados vestido logo após a pacificação; três meninas Coroadas em época de vestidas; a estação de Hektor Legru, hoje cidade de Promissão; os funcionários do S.P.I. que pacificaram os Coroados; uma vista do Acampamento do Ribeirão dos Patos. (Fotos tiradas em 1912, nos dias da pacificação, pelo S.P.I.)

Os índios Kaingang ou "Coroados", habitavam — ou mais propriamente — dominavam vasta região do extremo Oeste paulista, onde podiam ser avistados, em uma unidade a vila de Campos Novos do Paranápanema, a Bauru; daqui, seguia pela margem esquerda do Tietê até a sua foz no Paraná; percorria a margem esquerda deste último, até encontrar o rio Paranápanema; subia por este, até Campos Novos. Nessa região, os Kaingang eram seringueiros principalmente dos vales e espigões divisores dos rios do Pelxe e Felo (ou Aguapé). Mais ao sul, na margem direita do Paranápanema, localizavam-se os índios Otaí e Oti, vulgarmente denominados Xavantes, os quais, a propósito, nada tinham de comum com os de mesmo nome que hoje habitam a serra do Roncador, em Mato Grosso.

"Coroados" era uma designação popular dos Kaingang, pelo fato de as crianças dessa raça indígena usarem os cabelos cortados à maneira de sugerir aquele nome. Não se sabe, com certeza, em que século os índios Kaingang começaram a dominar a região que compreendem os rios Pelxe e Felo, até os meados do século passado. Em 1886 afirm de revidar a uma agressão sofrida por parte dos ramos moradores da margem esquerda do Tietê, em Avanhandava, os índios Kaingang atacaram-na, matando a onze sertanejos, e sendo ferido numero muito maior de mortos.

As hostilidades entre os pioneiros, sertanejos ouvidos que se aventuravam a fixar-se nas bocas daquele sertão, e os Kaingang que o dominavam, passaram a ser frequentes. No começo do presente século, frades Capuchinhos, em Campos Novos do Paranápanema, tentaram, sem êxito, pacificá-los. Em 1901, Monsenhor Claro Monteiro do Anaral resolveu embrenhar-se, com uma comitiva, nos sertões do rio Pelxe, com o intuito de estabelecer um contato amistoso com aqueles índios. Foi infeliz nessa tentativa, pois os Coroados atacaram-no, matando-o, como também a mais quatro de seus acompanhantes.

At essa altura, a luta entre índios e sertanejos era cruel, violenta, sem tréguas. Nos nossos meados cultos, a repercussão era desastroso aos índios. Em conferências e artigos, eram frequentes as manifestações contra os Kaingang, considerados viz assazinos, deviam ser exterminados sem piedade. Devemos lembrar-nos de que, nessa primeira década do presente século, ainda não havia sido criado o Serviço de Proteção aos Índios, não havendo, então, nenhum órgão governamental que os protegesse. Bem ao contrário, as autoridades procuravam ignorar as lutas. Sertanejos, do grande parte a soldo de proprietários de terras, sentiram-se, por conseguinte, na perseguição aos

quais, por sua vez, revidavam com ataques violentos.

AS "DADAS" OU "BATIDAS" Com a generalização da luta, no início do século, sertanejos, pioneiros, aventureiros, e possivelmente organizaram-se nos ataques aos Kaingang. De Campos Novos do Paranápanema a Bauru as lutas eram frequentes. Os primeiros, conhecidos por "mateiros" ou "bugreiros", organizavam expedições punitivas aos aldeamentos dos índios, denominadas "batidas" ou "dadas". Em 1905 e 1906, o engenheiro Gentil de Assis Moura, ao realizar explorações científicas nos sertões dos rios do Pelxe e Felo, como funcionário da Comissão Geográfica e Geológica, teve a oportunidade de tomar contacto direto com aquelas investidas contra os Kaingang (ou Coroados). Zis como, em 1906, ele descreveu as "dadas" ou "batidas" organizadas pelos "mateiros" ou "bugreiros".

"Para as suas incursões não precisavam de uma sêntida onde lançar a batida. Viajavam cautelosamente, fazendo pouco ruído, dormindo no rigor do tempo, e andando sempre apressado, até às raias do aldeamento. Ali punham em jogo toda a sua tática de guerra. Dormiam na vizinhança das aldeias, em geral compostas de 6 a 7 ranchos e habitados por umas 20 ou 30 pessoas; esperavam o amanhecer para dar o ataque, quando do ataque os índios não estavam a ação dos índios pudesse ser menor que a dos assassinos. Enquanto uns adivelhavam os índios conforme a distribuição anteriormente feita, outros entravam nos ranchos e a tiro e a facó tomavam os arcos e os tacapes que pudessem encontrar. Enfraquecido assim o inimigo, podiam dar o combate com certeza de êxito, e então o tirofelo era geral; e raro era o filho das selvas que conseguia escapar do morticínio, enquanto que do lado dos sertanejos nem um ferimento havia a registrar. Estas excursões não demoravam mais de uns seis dias, pela dificuldade da condução de mantimentos, levados às costas de cada viajante".

"A ESTRADA DE FERRO NOROESTE" A 15 de novembro de 1905, iniciou-se, em Bauru, a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Não se tra via, como nas explorações da Comissão Geográfica e Geológica, de travessias temporárias daqueles sertões. O empreendimento era de outra natureza: no picado largo, ia sendo assentados trilhos, estações, com a necessária fixação do pessoal.

Aos índios este "vação do sertão" assumia um aspecto, que eles não de início. As "dadas" ou "batidas" eram feitas, e de

bro de 1905, quatro trabalhadores da turma do engenheiro Silvio Sun Martin, foram atacados e mortos pelos Coroados. A partir daí, a luta entre o pessoal da construção da ferrovia e os Kaingang assumiu grandes proporções. Era a custa de sangue derramado de lado a lado, que iam sendo assentados os trilhos da ferrovia através da floresta virgem em direção a Mato Grosso. Esta situação perdurou até 1910, quando o Governo Federal resolveu criar o Serviço de Proteção aos Índios.

"O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS"

Em 1910, foi organizado, pelo então Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, o "Serviço de Proteção aos Índios". Já no século passado, José Bonifácio de Andrada e Silva (o Patriarca da Independência), havia sugerido, em memoria intitulada "Apontamentos para a civilização dos índios brasileiros do Império do Brasil", a maneira de serem assegurados, em princípios humanos, os direitos dos selvícolas brasileiros. "O plano de ação que então traçou, baseou-o no grande estadista em cinco princípios gerais, dos quais os dois primeiros preservam: Justiça, não esbulhando mais os índios, pela força das terras que ainda lhes restam, e de que são legítimos senhores, e Brandura, Constância, o Sofrimento de nossa parte, que nos cabe como a um pai de família cristão" (J. B. Horta Barbosa). Sob esses princípios o Governo Federal organizava, pois, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios.

A E. F. NOROESTE AMEAÇA PARALISAR A CONSTRUÇÃO

Em 1910, a luta entre os Kaingang e as turmas de construção da ferrovia, já durava há quatro anos, ininterruptamente. Trabalhadores e engenheiros eram frequentemente sacrificados. Os revides, por parte destes, eram também frequentes. Evidentemente, tornava-se difícil estabelecer relações amistosas entre ambos os lados. A propósito, seja dito que, nos anos de 1905 e 1906, o engenheiro Gentil de Assis Moura, ao explorar os rios do Pelxe e Felo, soube sofrer os ataques dos Kaingang, sem revidá-los. Em 1906, Assis Moura escreveu: "Jubiloso, podemos narrar que ultimamos a missão que nos foi confiada, sem mais derramamento de uma só gota de sangue, senão as dos feridos da Cordeira, apesar da insistência do selvagem em nos atacar e persistência nossa em nos defendermos sem nenhuma represália o mesmo lhe fizemos. Este nosso proceder era, no entretanto, sem exemplos naquelas matas. Cada ataque que eles faziam aos seringueiros, tinha em pagamento, imediato castigo". Aos construtores da E. F. Noroeste, tornava-se difícil tal procedimento, pois a linha se estendia, e os grupos de trabalhadores iam isoladamente e por conta própria nas relações com os índios.

RONDON VAI À NOROESTE

"Em fins de 1910, quando apenas se começava a organizar o Serviço de Proteção aos Índios, a situação da Noroeste era tão ruim, que o engenheiro oficial ao Ministério da Viação, avisando de que estava na imminência de suspender as obras de construção, por impossibilidade de conter os selvícolas e fazer parar as suas obras". O então Coronel Rondon, mandou os tenentes do Exército Pedro Dantas e Manuel Rabelo, à Noroeste, a fim de verificar a gravidade da situação. Não foram mandados funcionários civis do S. P. I., por que os sertanejos da Noroeste, em pé de guerra, os recebiam com hostilidade, dado que esses representantes do S. P. I. eram verdadeiros protetores dos índios. Rondon, recebendo o relatório daqueles tenentes, e verificando a gravidade da situação, deixou o Rio de Janeiro, e dirigiu-se à Noroeste. Percorreu os duzentos e cinquenta quilômetros de linhas e picadas da ferrovia, e intendeu-se da verdadeira configuração ali existente.

O PLANO DE PACIFICAÇÃO

Rondon, ali mesmo, traçou o plano de pacificação, que seriam entregues à direção do tenente Manoel Rabelo. Dentro as providências assentadas, estava a de se trazer do Paraná, alguns Kaingang já pacificados, para servir de interpretes. Também viriam do chefe da expedição, a boa ordem da coluna nada sofreu com esta surpresa e os interpretes Geizmon e Putolo começaram logo a falar para os invisíveis assassinos, referindo os pelos à paz e os propósitos de amizade. Então, pela primeira vez aqueles Kaingang responderam às palavras que lhes mandávamos dizer e travaram um longo diálogo com os interpretes, diálogo de que resultaram esclarecimentos preciosos para o futuro da campanha pacificadora".

O RIBEIRÃO DOS PATOS

"Mas, onde ir procurar os Kaingang?" era o que perguntava a si mesmo o tenente Rabelo. Eis que em fins de 1911, foi atecada a turma de conserva da linha, na estação de Hektor Legru. Immediatamente o tenente Rabelo deslocou-se para lá e, explorando as adjacências, deu num sistema de trilhos de índios, muito frequentado. Era junto ao ribeirão dos Patos, a dois quilômetros da estação. Nesse local foram destruídos quatro aldeamentos de mata, e construíram-se ranchos no seu centro. Plantaram-se, também, milho e feijão. "Todos esses trabalhos são prosseguidos no meio de tremendas ameaças dos selvícolas, os quais, noite e dia, cercavam o acampamento, no meio de suas buzinas apavorantes e gritos, que significavam guerra e extermínio, ora dando nas arvores com seus terríveis porreiros, pancadadas que provocavam, no silêncio da noite, sons pavorosos, que deixavam as almas intranquilas de medo e lembrança de que a cada dia tais nunca havia escapado com vida uma única vítima dos assaltos daqueles temerários guerreiros. E a toda essa ameaça, no meio de tantos gritos, respondiam os associados do S. P. I., com palavras de paz, com os cantos de festa da Incomparável Vanure, e com os seus algarues de benevolência e de boa amizade derramadas por sobre a sotrnia floresta, pela buzina que sopravam os interpretes paranaenses, do mangruiho construído no alto de uma árvore".

UMA ESTRADA NA MAT

Desse acampamento do Ribeirão dos Patos, o pessoal do S. P. I., sob a direção do Tte. Rabelo construiu uma larga picada de mais de 50 quilômetros de extensão, que chegava a atravessar o rio Pelxe. Nas choças, de caça dos índios, que iam encontrando, colocavam presentes. No fim daquele picado, encontraram grande aldeia de Kaingang, que, ao presentirem a presença de estranhos, abandonaram-na, em pânico. Na aldeia destruída foi deixada grande quantidade de presentes.

A SAÍDA DOS OFICIAIS

Em fins de dezembro de 1911, o ministro da Guerra ordena a retirada dos oficiais que serviam no S. P. I., na Noroeste. O sub-diretor do S. P. I., Manoel de Miranda deixou o Rio de Janeiro, vai à Noroeste e assumiu a direção do acampamento de Ribeirão dos Patos. Em lá chegando, o sr. Miranda resolveu fazer uma inspeção ao picado de 50 quilômetros. Dois índios atacaram-no, e a mais 19 companheiros que o acompanhavam, mas não ficaram feridos. "Graças à coragem do chefe da expedição, a boa ordem da coluna nada sofreu com esta surpresa e os interpretes Geizmon e Putolo começaram logo a falar para os invisíveis assassinos, referindo os pelos à paz e os propósitos de amizade. Então, pela primeira vez aqueles Kaingang responderam às palavras que lhes mandávamos dizer e travaram um longo diálogo com os interpretes, diálogo de que resultaram esclarecimentos preciosos para o futuro da campanha pacificadora".

REORGANIZAÇÃO

Diante das novas circunstâncias, o S. P. I. mandou buscar no Paraná dez interpretes índios Kaingang pacificados. Estes, com

os que já estavam no local e mais os funcionários do S. P. I. voltaram ao acampamento de Ribeirão dos Patos. "Então recomeçaram as vigílias; as arriscadíssimas explorações de trilhos para a descoberta de lugares próprios para, nelas, deixarem-se brincar, as dificuldades de, à noite, conter-se o pânico das mulheres e mesmo de alguns homens, apavorados quando ouviam o estrugir das buzinas ou o rebolar das formidáveis pancadadas bradas contra as arvores, por braços que se adivinhavam possantíssimos; e mais o trabalho de desfarracar esse pânico com músicas de gramofone, com os cantos de paz da índia Vanure e às vezes dos interpretes, chamando os temíveis visitantes, para que entrassem no acampamento, a fim de receberem machados, cobertores e colares".

A PACIFICAÇÃO

"Felizmente, esta situação não chegou a durar dois meses. Um pouco depois do meio-dia de 19 de março de 1912, no ato do caminho que vem do rio Pelxe, apresentaram-se a péto descoberto dez guerreiros Kaingang, intencionalmente desarmados e com a resolução evidente de travar relações com os ocupantes do acampamento dos Patos. A natural excitação dos primeiros momentos só durou o tempo necessário para a admiração de Vanure dar-se conta do que se passava; então, correndo com entusiasmo inextinguível, foi a resolução meter-se no grupo formado pelos Kaingang e indústrias a acompanhá-la até o recinto do acampamento. Recebidos com o carinho que é fácil de imaginar-

OS HOMENS FORAM LOGO VESTIDOS E CUMULADOS DE PRESENTES E LIMPOS

Aqueles dez índios eram chefes de grupo, chamados Vauvin e seus filhos. Mais tarde, que, na realidade procurava amizade com o pessoal do acampamento dos Patos, afirmou, unido a eles, lutar contra outras tribos Kaingang suas desafiadas. Mas Vauvin acabou desistindo dos seus planos, e auxiliando, por outro lado, na catequese das tribos restantes. Em 1914, um engenheiro procedia a demarcação de terras nos arredores de Hektor Legru, quando cometeu a imprudência de atravessar as roças de uma das tribos pacificadas. O engenheiro e alguns camaradas, foram imediatamente trucidados pelos Kaingang. Novamente foi o S. P. I. obrigado a intervir, a fim de apagar outra vez aquela tribu. A partir daí, os Kaingang ficaram definitivamente pacificados. Foram aldeados em duas colônias distantes, pois eles dividiam-se em dois grupos rivais. Adquiriram todos os vícios dos civilizados, principalmente o hábito do álcool. Eram cerca de mil, em 1912, quando foram pacificados. Hoje, são menos de cem, vivendo nos postos de Icatu (Gheuro) e Vanuire (Tupã). Desapareceu dentro de duas gerações. A estação de Hektor Legru, e o acampamento de Ribeirão dos Patos, constituem a hoje cidade de Promissão, junto à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

(As transcrições entre parêntesis são de Horta Barbosa, inspetor do S. P. I., e escritas em 1913).